



Quero inicialmente agradecer ao Professor Walmir Matos Caminhas pela iniciativa de agregar um grupo de colegas e coordenar a elaboração da proposta de concessão desse título à Congregação da Escola. Na justificativa da proposta, além do próprio depoimento em vídeo, Walmir coletou outros de vários amigos de longa convivência aqui na Universidade. Fiquei muito emocionado ao assistir a cada um desses vídeos, posteriormente à reunião da Congregação.

Por isso agradeço ao Engenheiro de Controle e Automação José Márcio Vieira Dias, à ex-secretária do Departamento Nadyr Rodrigues. Aos Professores Luis Aguirre e Ricardo Takahashi e ao Engenheiro Luiz Felipe Vieira Calvo por seus depoimentos. Vocês me emocionaram profundamente, quando assisti aos vídeos.

Em síntese, Walmir, muito obrigado a você e a todos que se envolveram nesse processo. Saibam que vocês me encheram de alegria. Agradeço também à Congregação da Escola.

Estou lendo atualmente uma belíssima obra da espanhola Irene Vallejos, denominada “O Infinito em um Junco”, que trata da invenção dos livros no mundo antigo. A autora cita que Plínio, o Jovem, escreveu no Século II, há mais de 1800 anos, portanto!! “A única coisa que vale a pena no mundo é a educação. Tudo o mais são bens humanos e pequenos, e não merecem ser buscados com grande empenho... nem a guerra que tudo varre e arrasta, como uma torrente, pode tirar de ti o que sabes”.

Pois bem, nesses tempos atuais de maledicências, ignorâncias e desinformação propositada que vivemos, é preciso que a instituição universitária, do alto de seus quase 1.000 anos de existência como provedora de conhecimentos e guardiã da cidadania, não se curve a governantes obtusos, inimigos do saber. Vivemos no Brasil e no Mundo uma vaga de negativismos anticientífico, antivacina, muito amplificada pelas redes sociais. Por isso, seja no Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos, na Europa ou Ásia, será sempre preciso enfrentá-los. Eles não podem passar!

Eles não passarão!!

A Universidade de Harvard nos Estados Unidos, instituição 140 anos mais antiga que o próprio País, dá o exemplo ao não se curvar a exigências e imposições da Casa Branca. Segundo a jornalista Laura Greenhalgh da Folha de São Paulo, o Reitor Alan Garber reagiu de forma altiva dizendo: “A universidade não renunciará à sua independência, nem de seus direitos constitucionais. Nenhum governo, seja ele qual for, pode ditar o que as universidades devem ensinar, quem elas devem contratar e em que áreas de estudo e pesquisa devem seguir”. Segundo a jornalista, ao contrário do que disse Mr. Trump, Harvard não parece ter perdido o rumo, manteve o rumo e pintou-se para guerra.

Este é o ponto! O compromisso dessa Instituição milenar com a Humanidade é maior que o transitório poder de qualquer Governo. A autonomia e a altivez da Universidade não são negociáveis. Não podem ser!



Trabalhei na Reitoria da UFMG de 2000 a 2006 como Pró-reitor de Planejamento e de 2006 a 2010 como Reitor. O período foi excepcional para o sistema público de educação superior brasileiro. Tínhamos, no Palácio do Planalto e também no Palácio da Liberdade, governos de partidos diferentes, mas que compreendiam com clareza o papel e a importância das universidades. O Governador Aécio Neves e o Presidente Lula respeitavam e apoiavam as universidades. Creio que a UFMG soube muito bem aproveitar esse período.

Passo a descrever minha aventura como professor da UFMG.

Eu venho de uma família de 11 irmãos, filhos de um ferroviário e de uma dona de casa. Para completar o orçamento, minha mãe fazia pasteis que a gente entregava todos os dias em alguns bares fregueses, além de vender nas ruas, no escritório da Companhia Siderúrgica Nacional e no campo de futebol em dias de jogo. Os olhos de todos nós sempre postos nos estudos para nos formarmos na Universidade.

Em 1965, o quinto filho formou-se advogado, voltou para a casa de nosso país em Lafaiete e, com seu trabalho, foi ajudando a família a sustentar os irmãos ainda na caminhada. Nesse processo, chegamos a nos formar, além do primeiro advogado, dois médicos, eu e mais uma engenheira, ambos aqui nesta Escola, uma dentista e mais uma advogada. Tudo isso graças à visão de futuro de nosso país.

Minha trajetória de vida profissional, toda ela, ocorreu dentro da UFMG. Aqui cheguei menino, em 1965, para terminar o ensino médio no recém-inaugurado Colégio Universitário, de curta duração, mas de elevada excelência. Tenho as melhores recordações do COLUNI, com seu projeto acadêmico revolucionário para a época. Os professores que tive no Colégio, de certa maneira, moldaram minhas escolhas na trajetória acadêmica. Dentre eles, declino meus agradecimentos aos saudosos professores: Beatriz Alvarenga, Ítalo Mudado, Hélio Antonini e José Tavares de Barros, sem me esquecer de Magda Soares e Aluísio Pimenta, estes por terem sido os artífices de tão meritória iniciativa.

A etapa seguinte foi o curso de Engenharia Elétrica, no período entre 1966 e 1970, aqui nesta Escola. O Brasil vivia, na segunda metade dos anos 60, um período agitado de crises políticas que deixaram em nós brasileiros marcas de tristezas muito profundas e, ao mesmo tempo, tivemos a oportunidade de ver o florescer espetacular das artes de resistência ao arbítrio, sobretudo na música de Chico Buarque, Geral Vandré e tantos outros, no teatro de Plínio Marcos, Guarnieri e outros, além de Glauber Rocha e o cinema novo.

Por outro lado, na Universidade Pública brasileira, despontava um horizonte com perspectivas acadêmicas desafiadoras, decorrentes da reforma universitária, da institucionalização da pesquisa, do estabelecimento do regime de Dedicção Exclusiva no sistema federal e do incentivo à formação pós-graduada de seus docentes.

Na Escola de Engenharia da época, o corpo docente era constituído de um bloco para o ciclo básico, e outro para cada uma das 6 opções de



ciclo profissional, então existentes. O ciclo básico era constituído de professores profissionalizados na docência, alguns poucos pesquisadores doutores formados no Exterior, como Ramayana Gazzineli, que vieram a ser parte do ICEx, a partir de 1969. Enquanto isso, os professores do ciclo profissional eram engenheiros destacados que davam aulas em tempo parcial. Mesmo com bons professores, o ciclo profissional de então era quase como um colégio. Só víamos os professores na sala de aula.

Com minha opção definida pela carreira acadêmica, concluída a graduação, imediatamente busquei o mestrado na COPPE-UF RJ. Defendi a dissertação de mestrado em maio de 1973. Fiz parte da primeira turma do Programa de Engenharia Biomédica. Éramos 10 médicos e 10 engenheiros. Passamos o primeiro ano do curso fazendo nivelamento sem concessão de créditos, médicos na Faculdade de Engenharia e engenheiros na Faculdade de Medicina. Minha dissertação de mestrado tratou de estudo da impedância transcraniana, buscando alguma relação entre a variação dos níveis dessa impedância e o estado de saúde de pacientes em estado grave.

Ao terminar o mestrado, em contato com o Professor Hugo Sepúlveda, então Diretor da Escola de Engenharia, elaborei um projeto para o Programa CAPES-MINIPLAN. Este programa visava “fixar” mestres nas universidades públicas brasileiras. A CAPES pagava uma bolsa igual ao salário de professor assistente para os mestres e a Universidade contemplada se comprometia a contratar as pessoas ao fim do período de bolsa. Assim tornei-me professor Assistente CLT a partir de janeiro de 1974.

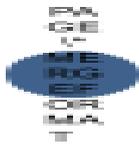
Minha formação acadêmica se completaria em 1983 com o diploma de PhD em Engenharia Elétrica, obtido na Universidade do Texas, em Austin. Em 1978, parti com minha família, Solange, Daniel com dois anos e a hoje Professora Patrícia com 2 meses de nascida, para o doutorado nos Estados Unidos. Lá em Austin nasceu nosso terceiro filho, Renato, um cidadão americano, texano antes de tudo, como dizem por lá.

Minha tese de doutorado versou sobre a modelagem matemática da dinâmica lenta de uma Usina Termoelétrica Real de 235MW, localizada na cidade de Lubbock no Texas.

Na carreira de professor, minha relação com o corpo discente, se pautou pelo respeito, pelo exemplo na convivência do dia a dia, procurando em sala de aula praticar o princípio de que o sujeito do verbo ensinar é o aluno.

Busquei sempre a inovação dos programas e o desenvolvimento de novas disciplinas na área de Controle, como por exemplo “Introdução à Engenharia de Controle” que criei para o curso de Engenharia Química. O desenvolvimento da área culminou com a criação de um curso específico de Engenharia de Controle e Automação. Importante dizer que o curso não se tornaria realidade sem o trabalho de planejamento conjunto com os colegas Fábio Jota, Luis Aguirre, Constantino Seixas e Benjamim Menezes.

A primeira turma foi admitida em 1998. Fui o primeiro coordenador e lecionei sempre no curso até assumir a Reitoria em 2006. Na época da coordenação, entre as minhas ideias para maior envolvimento dos alunos, destaco o PEC – Programa de Estágios do Colegiado. Nas férias escolares, a partir do primeiro período, era oferecida aos alunos a oportunidade de visitar empresas da região, e mesmo de outros estados, previamente



contactadas pelo Colegiado. As visitas de 2 a 5 dias eram feitas em dupla, com apresentação de relatório, que eu publicava na Internet. A ideia era de que os alunos, desde o início, pudessem sentir o gosto da Engenharia real. Este programa, cuja coordenação é bastante trabalhosa, ainda existe no curso hoje, 26 anos depois.

Desde que retornei do doutorado, atuei também no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica, ministrando disciplinas, orientando e coorientando dissertações de mestrado. Quando o doutorado em Engenharia Elétrica foi criado, eu já estava próximo da minha etapa de trabalho na reitoria e minha participação nele

restringiu-se à coorientação do doutorado da Professora e amiga Carmela Polito Braga.

Participei ativamente, inclusive como coordenador, em vários cursos de aperfeiçoamento e especialização em Eletrônica Industrial e, depois, em Automação Industrial. Esses cursos, além de proverem a sociedade de engenheiros e técnicos mais bem capacitados, foram fundamentais, naqueles tempos de fortes restrições orçamentárias, provendo recursos para a compra de equipamentos e materiais imprescindíveis às atividades de Ensino e Pesquisa do Departamento de Engenharia Eletrônica.

Nas atividades de pesquisa e consultoria para empresas na área de Engenharia de Controle, estive todo o tempo associado ao Professor Fábio Jota. Sempre preocupados com as aplicações reais, criamos no Programa de Pós-graduação em Engenharia Elétrica o Laboratório de Controle de Processos Industriais. Hoje sob responsabilidade da Professora Carmela Polito Braga,

Busquei, em minhas atividades docentes na Escola de Engenharia, o equilíbrio do tripé, ensino, pesquisa e extensão. Entendo que todas elas são fundamentais para uma universidade de excelência.

É fato notório que o prestígio acadêmico no Brasil está muito fortemente associado à pesquisa e à Pós-graduação. Artigos em periódicos dão prestígio, o que é correto. Mas, não temos indicadores de prestígio acadêmico relacionados a atividades no Ensino de Graduação. Dessa forma, um jovem doutor ao chegar à docência, sabe perfeitamente que só manterá o respeito dos pares se publicar e publicar muito. É o clássico “publish or perish”, “publique ou morra”, que se observa também em outros países. Entendo que a correta e necessária preocupação em obter resultados publicáveis em congressos e periódicos, não pode se dar ao custo da dedicação ao ensino de graduação. Infelizmente, isso costuma ocorrer na universidade brasileira. Dar aulas na graduação, formando profissionais de qualidade, tem que ser um objetivo, uma meta, e não um peso para os professores.

Especificamente, no caso da Engenharia a responsabilidade com a formação de profissionais é ainda maior, pois não existe desenvolvimento econômico sustentável de um País sem engenharia de qualidade. É alarmante a falta de engenheiros no Brasil. O País não forma engenheiros no volume e no ritmo necessários ao desenvolvimento



nacional. Sei que a situação é complexa e de causas múltiplas, inclusive e principalmente de ordem econômica. O assunto demanda estudos para formulação de propostas.

Este é um ponto de preocupação constante na Academia Nacional de Engenharia. Acho necessário que as Escolas reflitam sobre isso. Afinal, elas constituem o “chão de fábrica” na formação de engenheiros. É daqui que podem sair as melhores propostas.

Sou totalmente favorável ao sistema de cotas para entrada nas universidades federais. Sei que, dadas as deficiências de nossa educação básica pública, o programa de cotas tornou-se um teste de stress para as Escolas de Engenharia brasileiras. Por isso, acho que programas acadêmicos especiais são necessários para incentivar e valorizar os esforços de jovens pobres que conseguem chegar aqui na universidade. Não podemos perdê-los.

Além das atividades estritamente acadêmicas, tive sempre participação em atividades administrativas. Quando cheguei à UFMG como docente, em 1973, os Diretores das Unidades Acadêmicas escolhiam, de uma lista tríplice elaborada pela Assembleia Departamental, o chefe do departamento respectivo. O Professor Hugo Sepúlveda, Diretor que revolucionou a Escola de Engenharia, bastante direto, avisou que queria “sangue novo”, termos dele, na Chefia do DELT. E assim, 4 meses depois de contratado como professor, eu me tornava chefe de departamento.

Outros tempos... Tempo de roçar o terreno para fazer o plantio.

A Escola, com Hugo Sepúlveda no leme, começava sua jornada para deixar de ser a boa escola do interior, em que me formei, e tornar-se a potência de hoje. Hugo era engenheiro de alto nível. Era também um professor em tempo parcial, extremamente exigente, lecionando Conversão Eletromecânica da Energia. Ao ser alçado à Diretoria da Escola, ele já sabia que o caminho para crescer era a pós-graduação, e com a essencial ajuda de um casal de jovens professores, Odete Vieira e José Rubens Gonçalves de Souza, recém-chegados do mestrado na COPPE-UFRJ, ele a implantou com a cara e a coragem, como se diz.

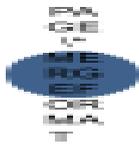
O Professor Hugo costumava dizer; “O muito difícil já foi feito hoje. Do impossível, vamos cuidar amanhã!!”

Com Hugo Sepúlveda, o plantio começara! Eu tive a oportunidade de ver e viver o desenvolvimento da Escola de Engenharia. Muito me orgulho de ter sido parte da mão de obra dessa construção.

O processo costuma ser doloroso porque não há tempo a perder. Alguns vão ficar pelo caminho. É inevitável...

Ressentimentos, sabemos, sempre aparecem e costumam durar para sempre, mas a obra tem que ficar pronta!!

Ao término do mandato do Prof. Hugo, a Escola viveu uma certa instabilidade política, chegando a ficar alguns meses sem Diretor nomeado. Então, como nosso projeto



precisava ir em frente, eu recorri diretamente ao Reitor Eduardo Cisalpino. Pedi audiência e a ele levei diretamente o “Projeto de Desenvolvimento da Área de Eletrônica Industrial a Médio Prazo”. O Reitor Cisalpino sabia ouvir e viu ali um grupo de jovens compromissados com a Universidade. Abriu as portas e, a partir de então, eu conversava direto com o Reitor. Uma beleza!

Em suma, o DELT começava a existir de fato!!

Eu sabia que tínhamos que aumentar nossa presença na graduação. Alunos!! Alunos são o ar que um departamento respira. Até ali, éramos responsáveis por apenas 4 disciplinas no curso de Engenharia Elétrica. Por isso, em 1976, elaboramos um projeto de curso de Graduação em Engenharia Eletrônica. Passadas todas as fases de aprovação na UFMG, o projeto foi enviado ao MEC e chegou a ser analisado. Contudo, depois de alguns dias, fui chamado a Brasília e, no MEC, fui informado de que cursos de Engenharia Eletrônica

estavam sendo proibidos pelo Governo. Eu argumentei que a PUC-MG tinha esse curso, me disseram que ele seria fechado, e o foi de fato, na época. Falei do ITA, me responderam que pertencia ao Ministério da Aeronáutica e não seria atingido pela norma.

Os professores que analisaram a proposta, acharam-na muito boa e, diante do absurdo da impossibilidade de se criar o curso, sugeriram-me colocar todas aquelas disciplinas no curso de engenharia elétrica existente. Foi o que fizemos. Com isso, o Departamento passou de 4 para 18 disciplinas oferecidas no curso de engenharia elétrica.

Para sustentar o avanço do Departamento, passamos a oferecer, através da Fundação Christiano Ottoni, recém fundada, cursos de aperfeiçoamento em Eletrônica Industrial, para técnicos e para engenheiros, com duração de 180h-aula. Havia a modalidade aberta à comunidade, e a modalidade fechada para determinada empresa em que dávamos a teoria nas dependências das empresas e as aulas práticas na Escola.

Com os recursos auferidos, sempre em estrita concordância com as normas da Escola, remunerávamos os professores participantes, pagávamos bolsas de monitoria a alunos diferenciados que seriam nossos professores ao se formarem, e, muito importante, equipávamos os laboratórios do departamento.

Quanto ao corpo docente, nos 4 anos de mandatos na chefia, contratamos em regime CLT 19 professores. É muito, mas tínhamos o Reitor Cisalpino ao nosso lado! O Prof. Peterson Resende, por exemplo, eu contratei logo após a formatura e liberei imediatamente para o mestrado na COPPE. Tínhamos pressa!! Creio que ele só foi lecionar regularmente após o doutorado. O último que contratei, já em 1978, foi o excepcional Professor Porfírio Cabalero Cortizo.

Busquei sempre o que vejo como essencial no exercício de cargos de liderança em uma universidade:



1. Saber ouvir todos os que tenham algo a dizer, independentemente do nível, da titulação ou do cargo das pessoas.
2. Formar uma equipe competente e comprometida com o programa a desenvolver.
3. Ter coragem para implementar o que for de consenso nessa equipe, mesmo não sendo, eventualmente, o ponto de vista que você defendia. E mesmo, às vezes, enfrentando corporações sindicais e setores do movimento estudantil.

Então, tudo de que eu participei nos 37 anos de trabalho aqui na Universidade foi resultado deste mecanismo de tomada de decisão e de ação. Em acordo com as linhas gerais do Programa de trabalho, qualquer ideia, que podia ser minha ou uma sugestão de aluno, funcionário, professor, ou mesmo de autoridades do MEC, era processada da mesma forma. Fosse de pequeno ou de grande impacto, em todos os casos o caminho era: Sugestão. Análise. Decisão. Se positiva, imediata Implementação, não deixando ponto sem nó.

O importante era o resultado. O interesse institucional sempre acima de qualquer circunstância.

Na Universidade, nada se faz de forma messiânica, individual. Como já disse, considero fundamental para o sucesso na administração universitária ter companheiros firmes e dedicados. Pessoas que não concordem sempre, que tenham ideias próprias, mas que trabalhem com firmeza na implementação dos consensos.

Neste sentido, cito o Professor Jurandyr Santos Nogueira que veio comigo da COPPE para a UFMG e o Professor Antônio Eustáquio Vieira, meu subchefe no DELT dos anos 1970. Os professores Márcio Lage Siqueira e José Martins de Godoy, além da secretária geral Elizete Neme, no período em que dirigi a Escola. Na PROPLAN, nos anos 2.000, a querida, competente e insubstituível Maria das Graças Araújo. Na Reitoria, os Professores Mauro Braga e Márcio Ziviani, a Vice-reitora Heloisa Starling, o Procurador Fernando Jayme, a Professora Maria Elisa e toda a equipe da Reitoria, que não cito nominalmente, mas todos muito importantes, fundamentais nos 4 anos de mandato.

Aqui agradeço a todos esses amigos que fiz em minha carreira na administração da Universidade. Acho que tive bons momentos, que lutei muitos e bons combates, perdi vários, mas quero crer que o saldo foi positivo.

Muito embora os resultados de uma administração apareçam sempre no nome do incumbente, preciso dizer que nada seria possível, no meu caso, sem o apoio de todas e de cada uma dessas pessoas.

Na Reitoria, por proposta do Professor José Nagib, criamos 2 vagas extras em vários cursos, inclusive Medicina, com vestibular específico para jovens indígenas, aos aprovados era oferecida moradia, além de atendimento acadêmico dedicado. Fizemos, apesar de cerrada oposição dos sindicatos, a municipalização da creche da universidade que era de custo muito alto para os pais, com ocupação de menos de 30% das vagas. Ao



municipalizar, tornamos a creche de acesso gratuito, por sorteio, aos filhos de professores, alunos e funcionários, sem distinção. Construimos no Campus Saúde, com doação do Dr. Aloisio Faria, um prédio de 7 andares para o Instituto Jenny Faria de Atenção à Saúde da Mulher e do Idoso. Fizemos a expansão maciça de vagas na graduação, através do Programa REUNI do MEC. Construimos 2 prédios para moradia estudantil no Campus de Montes Claros. Avançamos muito nas atividades de ensino noturno, tão necessárias para atender jovens trabalhadores. Contudo, para mim, três realizações se destacam.

Até 2006 os cursos da área de saúde da UFMG contavam apenas com o Hospital das Clínicas garantido para formação prática dos alunos. O HC é um hospital para alta complexidade, dando menos oportunidade para os alunos acompanharem situações ditas de risco normal. O Professor Francisco Penna, meu irmão, que posteriormente viria ser diretor da Faculdade, colocava sempre que era necessário expandir o campo de estágio dos alunos, já muito disputado pelas escolas privadas. Essas escolas dirigiam, acho que ainda dirigem parte das mensalidades dos alunos aos hospitais, inclusive públicos, que os recebem. Por isso, nossos alunos passavam a ser preteridos pelos hospitais. Assim, por influência de meu irmão, tão logo fui eleito Reitor, procurei o Governador Aécio Neves com a proposta de assumir o Risoleta Neves. Este hospital estava construído, parcialmente equipado, mas não entrara ainda em operação.

Aécio, em mais uma prova de confiança e apoio à UFMG, aceitou minha proposta, assumindo o risco político de cancelar uma licitação prévia para escolha de instituição gestora do hospital, que ainda não estava homologada. Elaboramos então um convênio tripartite, Estado - UFMG – FUNDEP, e colocamos o hospital em pleno funcionamento, a partir de junho de 2006, com atendimento exclusivamente SUS.

Hoje, a cada semestre, cerca de mil alunos de todas as áreas da saúde humana têm parte de suas aulas práticas naquele hospital, que também já tem um programa de residência médica. Além disso, BH e cidades vizinhas do vetor norte não têm mais condições de viver sem o trabalho do Hospital e Pronto Socorro Risoleta Tolentino Neves da UFMG.

É uma pena não termos dado a ele a denominação correta como Hospital Universitário que ele é, e nem ao menos colocamos na fachada uma placa com o logotipo da UFMG que o implantou e o dirige desde o início. Claro que eu não poderia deixar de citar os Professores Ricardo Pimenta, Joaquim Antônio Mota (o Toninho) e Henrique Torres que lideraram o dia a dia da implantação daquele hospital e o dirigiram nos primeiros anos.

Como engenheiro, não posso esquecer de uma outra realização coletiva da universidade, o Projeto Campus 2000, uma ideia seminal do Reitor Francisco César de Sá Barreto, ao assumir a Reitoria em 1998.

Desde o início das edificações no campus Pampulha, nos anos 1950, adotava-se uma lógica de construção de uma unidade por vez, utilizando essencialmente recursos das



alienações dos terrenos do que é hoje o Bairro Santo Agostinho, cuja área fora doada à Universidade na sua fundação em 1927.

O Reitor César Sá Barreto rompeu com a lógica da fila indiana que, há muito se mostrara ineficiente. No PC2000, todas as Unidades da Cidade decididas a virem para o Campus e outras já no Campus que justificassem a necessidade de complementação de área, seriam colocadas em paralelo e a Universidade buscaria recursos para fazer tudo, mesmo que viesse a ser necessário, em alguns casos, que os prédios ficassem com a parte externa pronta, deixando para terminar futuramente alguma complementação interna que não prejudicasse o funcionamento (as áreas não terminadas eram chamadas destaques, pelo Reitor). Os recursos viriam da venda dos poucos lotes ainda restantes no Bairro Santo Agostinho e da alienação dos prédios que iriam sendo liberados na cidade, além da busca constante de recursos junto ao Governo Federal, sempre baseada nos avanços das obras que iam sendo obtidos.

Em abril de 2000, o Reitor me convidou para participar de sua equipe e, como PROPLAN, cuidar de prover o PC2000 dos recursos necessários. Batalhei muito junto ao MEC, ao Ministério do Planejamento, ao BNDES e à PBH para cumprir minha tarefa. O projeto viabilizou 10 anos de obras que tiveram, acho que terão sempre, grande repercussão na vida da UFMG.

Sempre com a chancela do Conselho Universitário, as construções para as 7 unidades participantes foram iniciadas em 2001 pela Faculdade de Farmácia. Em seguida vieram prédios para a FaE, que acabou sendo o primeiro a ser inaugurado, Departamento de Química do ICEX, Departamentos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Escola de Educação Física, Instituto de Geociências, Faculdade de Ciências Econômicas e, por último, mas não em último, este complexo maravilhoso da Escola de Engenharia.

Para a Escola, aqui erguemos 65 mil metros quadrados de área construída. Foi necessário desenvolver o projeto em vários blocos, até pela diversidade de áreas de conhecimentos dos departamentos. Contudo, minha exigência aos arquitetos, sob o comando geral da Prof. Maria Lúcia Mallard, era de que arrumassem soluções de modo que fosse possível ir de um extremo ao outro do Complexo, sem tomar chuva. Ou seja, todos os blocos seriam interligados. E assim foi feito.

Enquanto andei pelo Brasil, e pelo Mundo até, não vi Escolas de Engenharia com estruturas físicas integradas e de mesma qualidade que a nossa. Vale destacar o trabalho dos Reitores César Sá Barreto e Ana Lúcia Gazzola, do comandante das obras, este super Engenheiro Luiz Felipe Vieira Calvo, da arquiteta Cristina Furlan, e dos professores Márcio Ziviani e José Nagib. Todos essenciais à viabilização da obra.

No Projeto Campus 2000, trabalhamos muito, operários, engenheiros, arquitetos, futuros usuários dos prédios, além dos dirigentes das unidades envolvidas e da Reitoria. Contudo, é preciso que se diga, honra seja feita, o PC 2000 não teria sido possível sem o apoio do MEC, dirigido pelos ministros Tasso Genro e depois Fernando Haddad, ambos com a compreensão firme e decidida, com o incentivo mesmo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No fim de 1993, o Governo enviou ao Congresso Medida Provisória



autorizando o repasse à UFMG, no orçamento, dos recursos que correspondiam à transferência à União de nossos prédios na cidade. Assim, passamos a Farmácia para a Delegacia Regional da Receita Federal; a Odontologia para Advocacia Geral da União; a FACE para o Ministério do Trabalho e os prédios da Engenharia passamos duas vezes. Primeiro para o MEC e depois para a Justiça do Trabalho. Todos os recursos recebidos foram empregados diretamente nas obras, realizadas pela UFMG e auditadas pelo TCU com 20% de economia.

Quero ainda falar de um último projeto que muito me envaidece. Fui o primeiro reitor engenheiro depois do Professor Pires e Albuquerque, que assumiu a reitoria em 1946. Vários colegas, inclusive eu próprio, tínhamos tentado antes, mas foi só em 2006, 60 anos depois de Pires e Albuquerque, que a universidade resolveu dar a chance a um de nós.

Preocupava-me fazer um bom trabalho. Na minha visão, isso incluía além do puramente acadêmico e do avanço das construções no campus, um cuidado especial com as artes e a cultura. Supostamente, áreas distantes de um engenheiro típico.

Conversávamos muito na equipe sobre essa pretensão minha, mas faço questão de dizer que Heloisa Starling se responsabilizava pelas ações na área cultural. Antes de completarmos um ano de mandato, em 2007 criamos o Festival de Verão. Dos outros muitos projetos liderados pela Vice-reitora, destaco o “Sentimentos do Mundo”, através do qual tivemos conferências e espetáculos extremamente concorridos no Campus Pampulha.

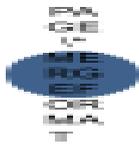
Sem pagamento de qualquer remuneração, apenas pelo prestígio da UFMG e de seus docentes da área de Ciências Humanas, recebemos artistas do nível de Maria Bethânia e Arnaldo Antunes, Diretores de cinema de fama mundial como o americano David Lynch e o português Manoel de Oliveira, a Professora argentina Beatriz Sarlo, o espetacular Grupo de teatro Galpão, e o fantástico Grupo Corpo. Alguns eventos fazíamos externamente, com os espectadores sentados no gramado em frente a Reitoria.

Para mim, era uma maravilha. Sentia-me numa Universidade do Primeiro Mundo. Afinal, já diziam os Titãs de Arnaldo Antunes: “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”!!

E proporcionávamos exatamente isso à nossa Comunidade. Os 4 anos de 2006 a 2010 foram os melhores da minha vida.

Para chegar aqui, sempre contei com extraordinário apoio familiar, cabe-me agradecer aos meus pais, meus irmãos e, sobretudo, à estabilidade de minha família constituída da esposa Solange, 3 filhos e 8 netos, Pedro e Letícia, Felipe e Davi, Victor e Henrique, Júlia e Ronaldo. Sim, Daniel e Miriã, os pais do mais novo dos netos, emocionaram-me dando-lhe o meu nome.

Hoje eu vejo com alegria e grande satisfação minha filha Patrícia vivendo seu sonho desde os 10 anos de idade de tornar-se professora do DELT. Para isso ela se preparou na



graduação e mestrado em Engenharia Elétrica, aqui na UFMG sob orientação do Fábio Jota, e o doutorado na UFSC com estágio de um ano na Universidade de Michigan, em Ann Arbor.

Como professora titular do Departamento, Patrícia está envolvida em projetos, na minha opinião, de grande importância acadêmica, tanto na graduação quanto na pesquisa e pós-graduação, tendo uma boa inserção internacional. Ao mesmo tempo, ela criou e conduz uma iniciativa de apoio financeiro e suporte acadêmico a estudantes de Engenharia de Controle e Automação cotistas, muito pobres, alguns vivendo em aglomerados. Entendo este como um projeto de grande repercussão social.

Eu me vejo nela, o tempo todo. Sou feliz também por isso.

Finalizo agradecendo a todos os que me honraram com suas presenças nesta solenidade inesquecível para mim.